

FH admite que não há como conter violência

Durante lançamento de programa, presidente disse que "o que dói é a impunidade"

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso admitiu em seu discurso, durante a solenidade de lançamento do Plano Nacional de Direitos Humanos, não ter como conter a violência. Após citar os recentes e diferentes massacres ocorridos no País, como o de Eldorado de Carajás (PA), Corumbiara (RO) e Carandiru (SP), o presidente desabafou: "É o que dói, o que clama hoje, não é o fato só de existir isso. É a impunidade." Para o presidente, os direitos humanos são o novo nome da liberdade e da democracia.

Os ministros militares não compareceram à cerimônia: Zenildo Lucena, do Exército, estava em Varsóvia; Mauro César Pereira, da Marinha, foi ao Paraguai; e Lélcio Lobo tinha outro compromisso. Os lideranças do governo no Congresso também não foram ao Planalto, mas não deram explicações.

Os parlamentares presentes pertenciam aos partidos de oposição e faziam questão de avisar que a ausência dos líderes do governo era um sinal claro das dificuldades a serem enfrentadas pelo Planalto para aprovação das propostas. Para entrar em vigor, o Programa Nacional de Direitos Humanos precisa de aprovação de cada projeto de lei no Congresso.

Fernando Henrique advertiu ainda que "a punibilidade na sociedade democrática não pode dispensar a lei,

não pode dispensar o Judiciário, não pode dispensar certas formalidades que, muitas vezes, na indignação, as pessoas querem saltar sobre elas". E acrescentou: "Nós, que já fomos vítimas de violência, sabemos que o recurso ao estado de direito é fundamental."

Ségundo o presidente, com a aprovação das propostas, o governo federal não terá mais desculpas para não atuar, sob a alegação de que não existem meios legais. Para mostrar as dificuldades de punição dos culpados pelos crimes contra os direitos humanos, o próprio presidente citou, em seu discurso, o caso ocorrido em Fortaleza, onde um preso acusado de ser traficante de drogas morreu nas dependências da Polícia Federal.

MINISTROS MILITARES NÃO COMPARECERAM À SOLENIDADE

"Acabei de assinar um ato para reparar um caso de violência, de tortura e de morte dentro de uma repartição federal, que foi o único do meu governo", desabafou o presidente. Ele explicou que mandou punir o responsável que, depois, acabou sendo reintegrado. O motivo é que existem vários órgãos que tomam decisões. "Democracia implica nisso tudo."

João Paulo II — Em Roma, o ministro das Relações Exteriores, Luiz Felipe Lampreia, entregou ao papa João Paulo II uma cópia do plano lançado ontem. O João Paulo demonstrou grande interesse pela questão dos sem-terra e da reforma agrária. "O papa quis ter informações sobre as ações que o governo está desenvolvendo nessa direção."

■ A íntegra do discurso do presidente está na pág. 14



Presidente entrega cheque de R\$ 100 mil a Ermelinda Bronco, mãe do guerrilheiro José Humberto Bronco



Mott protesta contra a não-inclusão dos homossexuais no Plano Nacional de Direitos Humanos

Foto digital de Wilson Pedrosa/AE

Foto digital de Wilson Pedrosa/AE